

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**FLÁVIA ZACOUTEGUY BOOS**

**COMO OS ESTUDANTES GOSTARIAM QUE UM PROGRAMA DE PREVENÇÃO  
AO USO DE ÁLCOOL FOSSE FEITO**

Trabalho de Conclusão de Curso - Ciências Biológicas  
- Licenciatura

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Russel Teresinha Dutra da Rosa  
Docente da Faculdade de Educação - UFRGS

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Tatiana de Castro Amato  
Docente do Departamento de Psicologia - Universidade Anhembi Morumbi - SP  
Pesquisadora colaboradora do Núcleo de Pesquisa em Saúde e Uso de Substâncias  
(NEPSIS) do Departamento de Psicobiologia – UNIFESP

Porto Alegre  
2018

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Tatiana Amato pela confiança em dividir os dados do seu doutorado e permitir que eu pudesse me desafiar e aprender com as possibilidades da pesquisa qualitativa. Agradeço pela orientação, pela troca de ideias e por dividir comigo seu conhecimento e *insights* sobre o consumo de álcool entre adolescentes e prevenção em contexto escolar.

Agradeço imensamente à professora Russel por ter aceito esse trabalho de conclusão, assumindo os riscos e desafios de desenvolver um tema tão relevante na educação de jovens, cuja literatura eu não dominava. Obrigada pela confiança, pela atenção e questionamentos levantados durante a revisão do texto. Além disso, sou muito grata por ter tido a oportunidade de ser tua aluna durante o estágio didático. Tu és uma professora militante exemplar que admiro muito e que segue inspirando muitos graduandos. Aprendi de forma prática contigo a relevância da horizontalidade em sala, me inspirei com teu respeito e seriedade com os colegas, tua sensibilidade de escuta e manejo do desenrolar da aula. Gosto do teu discurso/postura militante concisa e firme acompanhado pelo teu jeito leve e amável de ser – é uma bela estratégia de convencimento em contraposição aos discursos de ódio que estão por aí. Conviver esse pouquinho contigo foi uma bela experiência que carrego na bagagem de ser bióloga, professora e ser mais humana (para além do sentido biológico).

Agradeço aos alunos do meu estágio no Ensino Fundamental, cuja temática uso de drogas efervescente me obrigou a tomar decisões de como abordar o tema e me impulsionou a pensar e buscar informações sobre quais estratégia em sala de aula poderiam ser mais eficazes para fornecer informações sobre drogas, promover reflexão, autocuidado, tomadas de decisão mais responsáveis e seguras, mantendo a autonomia daqueles adolescentes. Apesar de eu não ter encontrado nada muito claro na literatura, isso me desacomodou e contribuiu para eu ter ido em busca da Tatiana e ter feito esse trabalho.

Ter tido contato com o coletivo de Redução de Danos Lótus no ano de 2017 foi outra experiência marcante para mim. Agradeço a receptividade no grupo, a convivência e aprendizados com a equipe multidisciplinar e a possibilidade de pensar e fazer o cuidado com usuários de drogas (ou não) em festas de música

eletrônica. Cresci muito com vocês e principalmente com nossa intervenção no Festival Universo Paralelo.

Agradeço a minha mãe, Themis, professora militante que me ensinou através do seu exemplo a importância de lutar pelo que se acredita, buscar justiça social, pensar a educação como mecanismo de transformação social, ter empatia pelo próximo e sempre me lembrou a importância da política (seja em micro ou macroesfera) no manejo das nossas vidas. Agradeço também ao meu pai, Arthur, pela postura questionadora e o método sistemático e criterioso de tentar responder perguntas, tentando se livrar dos fatores confundidores envolvidos. Esse jeito um pouco desconfiado de ser mas aberto ao convencimento quando apresentam-se argumentos bem fundamentados, junto a tua curiosidade genuína e afetividade contribuíram muito para desenvolver um olhar atento e crítico sobre o mundo e para eu ser a neurocientista que sou. Me orgulha e me inspira muito ser filha de vocês e ter vocês por perto.

Por último, agradeço ao investimento público na minha formação e agradeço ter tido acesso às mil possibilidades de encontros com ideias e pessoas que uma universidade como a UFRGS proporciona.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	7
OBJETIVOS .....	10
MATERIAL E MÉTODOS .....	11
Participantes.....	11
Coleta de dados por meio de Grupos Focais .....	12
Instrumento: Roteiro de discussão .....	12
Procedimentos .....	13
Análise dos dados .....	13
RESULTADOS .....	14
(1) Como os estudantes acreditam que a prevenção deve ser feita.....	15
(2) Quais características pessoais e qual profissional deve conduzir um programa de prevenção na escola .....	25
DISCUSSÃO .....	29
CONCLUSÕES .....	37
REFERÊNCIAS .....	38

## RESUMO

O álcool é a substância psicoativa mais utilizada por adultos e jovens mundialmente. Apesar da legislação brasileira proibir a venda e o consumo de bebidas alcoólicas para menores de 18 anos, uma grande parcela desses jovens fazem uso de bebidas e se expõem a riscos. Os diversos programas de prevenção para o público jovem tem baixa efetividade em reduzir/postergar o consumo de álcool ou favorecer uma forma mais segura desse uso, caso seja feito. Assim, conhecer o que os adolescentes pensam sobre os programas de prevenção e como eles gostariam que esses fossem feitos pode contribuir para aumentar a adesão e a efetividade das intervenções preventivas. Portanto, o objetivo desse trabalho foi investigar a opinião dos adolescentes sobre a prevenção ao uso de álcool: como gostariam que um programa de prevenção fosse feito na escola, como a relação com os pais pode contribuir para a prevenção, características pessoais importantes para quem vá conduzir a prevenção e qual perfil profissional os adolescentes acreditam que essa pessoa deva ter. Para o estudo foi utilizada a técnica de Grupos Focais (GF's) com estudantes do Ensino Fundamental (9º) e Médio (1º a 3º anos) de duas escolas privadas da cidade de São Paulo. Foram conduzidos 27 GF's, totalizando 260 alunos de 13 a 18 anos, e os dados foram submetidos à análise de conteúdo. Os alunos gostariam que a prevenção em contexto escolar fosse feita através de conversas e discussões para além da educação proibitiva, marcadas por relação horizontal e acolhimento dos relatos sem julgamentos. Eles acreditam que devam ser fornecidas informações sobre as variáveis envolvidas com os efeitos do álcool e orientações sobre como proceder depois que se fez o uso da substância. A relação familiar apareceu como alicerce importante para a prevenção e redução dos possíveis riscos e danos do consumo, sendo que eles gostariam de ter diálogos mais abertos com os pais, para além do "não pode beber", e gostariam de poder contar com eles caso venham a ter algum problema pelo uso de álcool. Os estudantes acreditam que a prevenção deva ser conduzida por pessoas mais jovens, com quem eles tenham afinidade e que estejam abertas ao diálogo sem julgá-los. Os achados apontam o modelo de prevenção baseado em Redução de Danos como o mais adequado para aceitação/adesão entre os estudantes, sendo este promotor da reflexão, autocrítica e que favoreça tomadas de decisão mais responsáveis.

**Palavras chave:** prevenção, álcool, adolescentes, estudantes, escola, redução de danos.

## INTRODUÇÃO

O álcool é a droga psicotrópica mais utilizada em diferentes países (CARLINI 2006, HIBBEL, 2009; JOHNSTON, 2010). No Brasil, 44% da população entre 12 e 65 anos já fez uso dessa substância na vida, sendo que 18,4% usou no último mês (CARLINI 2006). Para estudantes entre 10 e 19 anos esses índices são maiores: 60,5% já fez uso de bebidas alcoólicas alguma vez na vida, sendo que 21,1% consumiu no último mês. A primeira vez em que adolescentes fazem uso de álcool costuma acontecer precocemente: em média aos 13 anos de idade (CARLINI 2010).

O pensamento corrente é de que os efeitos negativos do uso de drogas não se restringem à farmacologia das substâncias. Entende-se o consumo de drogas como um fenômeno biopsicossocial, em que fatores genéticos, de desenvolvimento, culturais, familiares e sociais interagem de forma complexa, influenciando o uso, abuso e dependência. Essas diferentes variáveis podem constituir *fatores de risco* para uma pessoa, que favorecem consequências negativas para a saúde, bem estar e desempenho social, ou *fatores de proteção*, que envolvem características de temperamento, capacidade de lidar com adversidades, desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais, que poderiam diminuir a probabilidade das consequências negativas referidas (SHENKER & MINAYO, 2005).

A adolescência é marcada por mudanças biológicas, psicológicas e conflitos no meio familiar e social (BITTENCOURT et al., 2015). Durante essa fase está em processo a maturação de substratos neurais envolvidos com motivação e tomada de decisão. Portanto, ainda não há maturação biológica desenvolvida o suficiente para que esses jovens manifestem sua capacidade de julgar de forma plena (GLADWIN et al., 2011). Comparativamente aos adultos, os jovens buscam novidades com maior frequência, o que os torna mais suscetíveis a ceder a recompensas salientes e a apresentarem menor controle inibitório. Por isso, essa fase de transformações físicas, psíquicas e que envolvem a própria emancipação enquanto sujeito, favorece tomadas de decisão que envolvem maior risco. Dessa forma, diz-se que os jovens apresentam maior vulnerabilidade aos efeitos negativos do consumo de substâncias psicotrópicas, como por exemplo o álcool (BITTENCOURT et al., 2015).

O consumo de etanol favorece a exposição dos jovens a diversos riscos sociais e físicos, incluindo envolvimento em brigas, relações sexuais desprotegidas, sanções legais e conflito com os pais (BONOMO, 2001; SHENKER & MINAYO, 2005). Sabe-se que esses riscos tem relação com o padrão de consumo. O padrão

mais envolvido com essas práticas arriscadas é o *binge drinking*, definido como consumo de cinco doses ou mais de bebidas alcoólicas. Dos estudantes do Ensino Médio (EM) de escolas particulares em São Paulo, 32,6% haviam feito *binge drinking* no mês anterior à pesquisa (NOTO et al., 2010), o que é um índice bastante alto e preocupante. Portanto, se a legislação que proíbe a venda de bebidas alcoólicas para menores de 18 anos não é efetiva em prevenir o consumo (ROMANO ET AL., 2007), é evidente que estratégias com objetivo de proteger os jovens e reduzir comportamentos de risco devem ser planejadas.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (WHO, 2011), campanhas de prevenção podem reduzir comportamentos que estão envolvidos com as principais causas de mortes, doenças e incapacitações que desenvolvem-se a partir da adolescência. Dentre esses comportamentos está o uso indevido de álcool. Dessa forma, programas de prevenção e redução do uso de bebidas alcoólicas por jovens são desejáveis e a escola é um espaço privilegiado para o desenvolvimento da educação preventiva (CANOLETTI & SOARES, 2005). Além disso, programas na escola são de alta difusão, facilmente implementáveis (MCBRIDE ET AL., 2004), pois este é um espaço de convivência diária, desenvolvimento de habilidades e competências, formação de valores e conhecimentos, com caráter obrigatório e gratuito para crianças e adolescentes entre 4 e 17 anos (BRASIL, 1988).

Embora na literatura especializada sejam encontrados diferentes modelos de intervenção para a prevenção ao uso de drogas na escola (ZANELATTO & ZANELLATO, 2004; CARLINI-COTRIM & PINSKY, 1989), a maioria das propostas não parece ser efetiva (CUIJPERS, 2002). Pelo menos dois conjuntos de ideias norteiam alguns desses modelos: o de Guerra às Drogas e o de Redução de Danos (RD) (MOREIRA et al., 2015). O de Guerra às Drogas tem como crença central uma sociedade sem o consumo de drogas. Carlini-Cotrin (1998) defende que esse conjunto de ideias, políticas e práticas é um tanto irrealista, já que nega as evidências históricas de que todas as sociedades humanas fizeram uso de substâncias psicoativas e que nem todo uso é problemático. Já a prevenção baseada em RD tem caráter educativo e está fundamentada no conhecimento e informações sobre drogas e seu consumo, no fortalecimento afetivo dos sujeitos e no suporte à tomada de decisão. A prevenção baseada em RD aborda as possíveis consequências negativas (MOREIRA et al., 2015) do consumo de drogas, tendo como foco a redução dos riscos e danos à saúde, aos aspectos sociais e



econômicos provocados por esse consumo, sem ter como objetivo, em primeira instância, a prevenção do uso por si só (ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE REDUÇÃO DE DANOS, HRIA, 2017). Dessa forma, as políticas, os programas e as práticas guiadas pela RD apostam na capacidade do cidadão bem informado de tomar decisões e no caso em que pretenda consumir determinada droga, aprenda a fazê-lo da forma mais segura possível (CARLINI-COTRIM, 1998).

Ideias baseadas em RD tem ganhado espaço tanto em documentos oficiais orientadores de políticas públicas, propostos pelos Ministérios da Saúde e da Educação, quanto em programas de prevenção de diferentes instituições e organizações. Farrington e colaboradores (2000) desenvolveram um programa de prevenção ao uso de álcool baseado em crenças e valores dos próprios estudantes, a partir de grupos focais, com o objetivo de acessar a opinião desse público sobre os riscos e as consequências do consumo de álcool. O programa foi desenvolvido durante dois anos em escolas e mostrou-se efetivo em reduzir o consumo de bebidas alcoólicas e os danos desse consumo, além de ter aumentado atitudes e comportamentos mais seguros relacionadas ao beber, sendo uma importante evidência científica dessa abordagem para o uso menos nocivo dessa substância. Os autores sugerem que estudos que busquem entender os valores e as crenças dos adolescentes em outras culturas são necessários para avaliar a abordagem desse programa em outros países (MCBRIDE et al. 2004)

O conhecimento do público alvo e da realidade local parece ser importante para delinear as estratégias mais adequadas a serem utilizadas na prevenção, permitindo compreender os problemas reais trazidos e investigar soluções concretas propostas por eles (CANOLETTI & SOARES, 2005). Se o conhecimento da cultura local é algo a ser feito antes da implementação de cada programa, o conhecimento do público a quem o programa é destinado, nesse caso os adolescentes, poderia seguir um padrão a ser entendido e generalizado. Por isso, conhecer como os jovens gostariam de ser abordados quanto ao seu possível consumo de álcool, além de como e por quem eles pensam que um programa de prevenção ao uso de álcool deve ser desenvolvido, podem auxiliar em aumentar a adesão/aceitação do programa, permitindo maior envolvimento dos jovens e a consequente maior eficácia da intervenção.

## **OBJETIVOS**

Objetivo geral: Descrever como os estudantes gostariam que a prevenção fosse feita na escola e quais as características do profissional indicado para abordar o assunto.

Objetivos específicos:

- I) Identificar como os estudantes gostariam que a prevenção fosse feita na escola.
- II) Identificar como os estudantes acreditam que a relação com seus pais pode contribuir para a prevenção.
- III) Identificar as características pessoais mais adequadas na perspectiva dos alunos para mediar conversas sobre seu consumo de álcool.
- IV) Identificar o perfil profissional mais adequado na perspectiva dos alunos para mediar conversas sobre seu consumo de álcool.

## MATERIAL E MÉTODOS

### Participantes

O presente estudo constitui uma análise secundária dos dados da monografia de Gonçalves (2014). Conforme descrito na monografia, participaram 260 alunos do Ensino FUNDAMENTAL (EF), 9º ano, e do Ensino Médio (EM), 1º, 2º e 3º anos, distribuídos em duas escolas privadas da cidade de São Paulo. Estas duas foram selecionadas por critério de conveniência, levando em conta diferentes perfis quanto à mensalidade escolar e à quantidade de alunos matriculados. Das séries selecionadas, todos os alunos foram convidados a participar dos grupos focais (GF), que será melhor descrito na próxima sessão, sendo que 70,6% dos alunos do EF e 73,1% dos alunos do EM aceitaram. Nas datas combinadas, 6,4% dos alunos do EF e 5,9% dos alunos do EM faltaram. Ao todo foram realizados 27 GF's de 6 a 12 alunos (média=10), 13 GF's do EF (7 de meninas e 6 de meninos) e 14 no EM (8 de meninas e 6 de meninos).

Dos participantes, 45,8% estavam no EF e 54,2% no EM, com idades entre 13 e 18 anos (média=15,5 anos). Quanto ao gênero, os GF's foram equilibrados: 55,4% foram compostos por meninas e 44,6% por meninos (GONÇALVES, 2014).

Antes de os grupos focais se reunirem, para avaliar o consumo individual de álcool, foi utilizada uma versão resumida do *Alcohol Use Disorder Identification Test* (AUDIT); o AUDIT-C. Este instrumento tem sido utilizado com esse público e é composto de um questionário de três perguntas, cada uma com uma pontuação. Com a pontuação final é possível classificar o nível de risco em relação ao consumo de bebidas alcoólicas pelos jovens (CHUNG et al., 2000). Os alunos preencheram o instrumento de forma anônima, indicando apenas seu gênero e sua idade. Aqueles que apresentaram pontuação igual ou superior a 3 pontos foram considerados consumidores de maior risco.

Cerca de metade (48,7%) desses adolescentes no EF afirmaram já ter tido contato com bebidas alcoólicas com certa frequência (“mensalmente ou menos”, “duas a quatro vezes por mês”, “duas a três” vezes por semana” e “quatro ou mais vezes na semana”). Já no EM, esse mesmo consumo foi apresentado por um pouco mais da metade (59,3%). Quanto ao nível de risco de consumo, o maior risco foi visto em 31,9% dos alunos do EF, enquanto que entre os alunos do EM foi observado uma maior frequência desse nível mais alto de risco, chegando a 42,6%

dos participantes (GONÇALVES, 2014).

### **Coleta de dados por meio de Grupos Focais**

Grupo focal é uma técnica de obtenção de informações utilizada por meio da realização de discussões em pequenos grupos que busca entender a opinião daqueles sujeitos sobre um tema específico. Baseia-se na ideia de que a opinião daqueles é formada e influenciada pela interação com os demais. Desta forma, o GF é conduzido por um *pesquisador moderador*, que faz algumas perguntas que servem como roteiro de discussão do tema entre os integrantes do grupo, e um *observador* que auxilia com anotações principalmente (CARLINI-COTRIM, 1996; STEWART et al., 2007).

No trabalho de Gonçalves (2014), os GF's foram divididos por gênero dentro de cada turma. Idealmente, os participantes não se conheceriam, o que abarcaria em uma maior heterogeneidade de opiniões e contextos socioculturais. Porém, nesse trabalho isso não foi possível por tratar-se de uma amostra de conveniência constituída por estudantes pertencentes a uma mesma escola. Mas esse tipo de composição de grupos focais é legítima de acordo com Carlini-Cotrin e colaboradores (1996). Esses autores argumentam que a adoção de grupos que se conhecem previamente não inviabiliza o estudo, embora isso deva ser considerado na interpretação dos resultados, assim como as demais características da amostra, tais como o público pertencer a parcela da população que frequenta escolas particulares. Dessa forma, a amostra foi composta por um número relativamente alto de GF's em duas escolas a fim de tentar contornar um possível viés de homogeneidade de opinião.

### **Instrumento: Roteiro de discussão**

Os GF's foram conduzidos a partir de um roteiro de discussão, com perguntas que abordavam o consumo de bebidas alcoólicas entre adolescentes, percepção de riscos e danos que esse consumo causa, assim como formas de atenuar isso. Também buscou-se investigar como intervenções de prevenção ao uso de álcool são conduzidas nas escolas, como os alunos acreditam que essas deveriam ser feitas para serem mais atrativas e mais eficazes. Por último, foi perguntado qual o profissional mais adequado para conduzir a intervenção, assim

como suas características pessoais.

### **Procedimentos**

As escolas selecionadas foram informadas sobre o objetivo da pesquisa e, então, seguiu-se os procedimentos para obtenção de autorização dos participantes e de seus responsáveis. A autorização foi mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido feita por responsáveis pelos jovens, assim como declaração verbal desses sobre seu consentimento de participação na pesquisa.

Os GF's tiveram duração de uma hora/aula (cerca de 45min) e foram agendados conforme disponibilidade da escola. Para isso foram cedidas salas dentro da escola adequadas para gravação de áudio durante a realização do grupo, o que é condição necessária para o registro das discussões realizadas pelos GF's.

Seis pesquisadores previamente treinados participaram da condução dos GF's. Os grupos foram realizados simultaneamente em cada turma, a fim de não prejudicar o calendário escolar. Os grupos foram realizados em salas separadas, sendo que em cada grupo estavam presentes dois pesquisadores, um moderador e outro observador.

Os estudantes foram informados dos objetivos da pesquisa, de que a participação era voluntária, da necessidade das informações que eles trariam serem fidedignas e que seria garantido o anonimato dos estudantes quando da divulgação dos resultados da pesquisa. Foi solicitado que as pessoas que seriam citadas não fossem identificadas durante os relatos, a fim de que houvesse privacidade e os relatos não causassem constrangimento, já que os adolescentes estão inseridos em um mesmo contexto sociocultural.

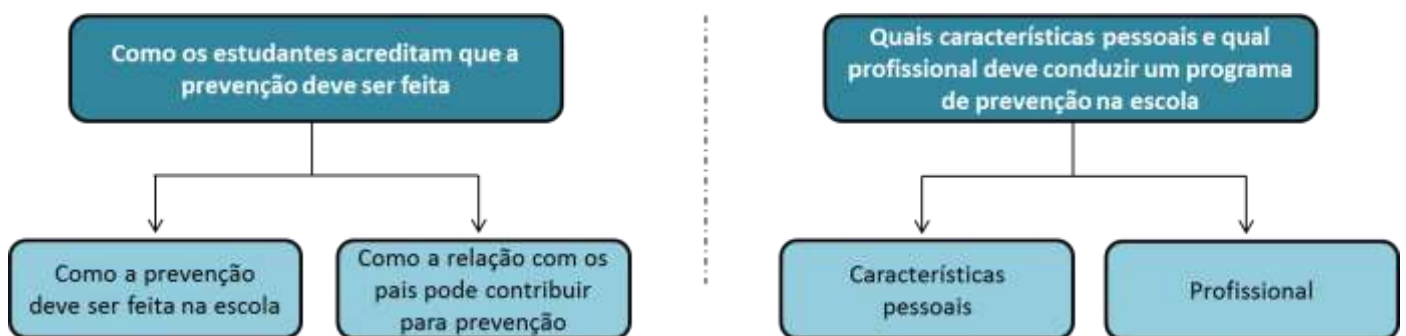
Esta pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética em pesquisa da Universidade Federal de São Paulo (protocolo nº 1084/11) antes de sua realização.

### **Análise dos dados**

Os áudios dos GF's foram transcritos integralmente, sendo as transcrições comparadas às anotações feitas pelo observador. As transcrições foram adicionadas ao programa para análise de dados qualitativos Nvivo, o qual emprega a técnica de análise de conteúdo por profundidade. A identificação de cada GF, nos trechos transcritos em resultados, foi feita por um número (ex: 02 3 33 1 1). Os significados

desses números estão descritos seguindo a representação A B CD EF: a letra A refere-se aos dois primeiros algarismos que identificam a escola (02 ou 03); a letra B refere-se ao terceiro algarismo que corresponde ao turno (1: manhã, 2: tarde, 3: integral); a letra C corresponde ao quarto algarismo que identifica a série (de 1 a 4; 9º ano do EF, 1º, 2º ou 3º ano do EM); a letra D corresponde ao quinto algarismo que identifica a turma (de 1 a 5 relativo a diferentes turmas de cada série em cada escola); a letra E refere-se ao sexto algarismo correspondente ao número do grupo focal em cada turma (1 a 3) e a letra F corresponde ao sétimo algarismo que identifica o gênero dos participantes (1: masculino, 2: feminino).

Os dados foram analisados a partir dos referenciais qualitativos da análise de conteúdo temática (BARDIN, 1977). A partir dos objetivos traçados para o projeto, foram criadas duas grandes categorias, estas foram subdivididas tomando como base os relatos dos adolescentes: categoria (1) *Como os estudantes acreditam que a prevenção deve ser feita*, subdividida em (1.1) *Como a prevenção deve ser feita na escola*, (1.2) *Como a relação com os pais pode contribuir para prevenção*; categoria (2) *Quais características pessoais e qual profissional deve conduzir um programa de prevenção na escola*, esta subdividida em (2.1) *Características pessoais* e (2.2) *Profissional*, como mostra a fig. 1. O critério para categorização e subcategorização foi estabelecido através da discussão dos resultados feita por duas pesquisadoras, mediante triangulação dos dados.



**Figura 1: Categorias e subcategorias de análise.**

## RESULTADOS

Os resultados serão apresentados por categorias (1 e 2), sendo que as subcategorias (1.1, 1.2, 2.1 e 2.2) serão especificadas ao longo da sessão, com

trechos transcritos ilustrativos das discussões nos GF's.

**(1) Como os estudantes acreditam que a prevenção deve ser feita**

Como descrito anteriormente, essa categoria foi subdividida em (1.1) *Como a prevenção deve ser feita na escola* e (1.2) *Como a relação com os pais pode contribuir para prevenção*. Na categoria (1.1) *Como a prevenção deve ser feita na escola*, de forma geral, a ideia de que programas de prevenção não funcionam foi uma das mais presentes nas discussões. Os alunos acreditam que as estratégias usadas não tem êxito em prevenir o uso de bebidas alcoólicas entre eles. Os jovens relatam que a forma de fazer a prevenção na escola é bastante previsível e um tanto “chata” (termo utilizado pelos alunos), com palestras, leitura de livros, exibição de filmes e algumas conversas que abordam os riscos de usar álcool.

Aluna 5: Principalmente aqui no colégio, a gente cansa de ouvir palestras e toda aula de religião a gente ouve que droga é ruim... [...] Que droga tem isso, álcool é isso, sei lá o que, e muita gente faz. É que, do mesmo jeito, a gente tem noção. Muita gente tem noção do efeito colateral, mas mesmo assim bebe e cai.

(02 3 33 1 1)

Aluna 2: Eu acho que vocês podem fazer o que for, mas (tem) muita gente que vai levar isso pro resto da vida, e não vai estar nem aí (não vai se importar) pro que você vai falar! Você pode ficar o dia inteiro dando palestra, falando que bebida não é uma coisa certa, mas a pessoa não vai parar, não vai te dar ouvidos, e não tá nem aí!

(03 2 22 1 1)

A tônica proibitiva muitas vezes tenta assustar os jovens sobre o consumo e muitos deles afirmam que essa abordagem não é efetiva em prevenir o uso.

Aluna 5: É que sei lá, eles ficam... Não é assim que você tem que ensinar tipo, “não”, “você vai morrer”, “você vai pagar mico e vai fazer...” Não. Vocês tem que entender o que a gente pensa prá depois tentar falar porque a gente não pode beber.

Aluna 5: A gente não pode se explicar, a gente não pode falar nada, a gente não pode dar a nossa opinião, eles induzem a gente a pensar que é outra coisa, então é...

(02 3 32 1 1)

Aluno 7: Mas eu acho que eles deveriam tratar com mais naturalidade assim. Porque, às vezes, por exemplo, ano passado a gente tinha aula sobre isso e era, tipo, eles falavam

muito pouco assim, tipo, quando falavam era desse jeito que eu falei, tipo, só proibindo. Essas coisas.

(02 3 23 2 2)

Algumas vezes esse assustar também acaba criando uma desconfiança em relação às informações transmitidas pela escola e pelos professores, pois os alunos conhecem jovens que usam bebidas e outras drogas e que não tem os problemas relatados:

Aluno 3: Eu acho que eles são meio exagerados, porque eles falam que você vai beber, vai morrer... [...]

Aluno 5: Tem alguns efeitos que eles falam também que pode acontecer, que é da ressaca essas coisas, mas não todos os sintomas. Mas, tipo, você fica ciente do que pode acontecer com você, se você se sentir meio mal, to ali, to com isso, mas eles exageram muito.

(02 3 34 1 1)

Aluno 1: Eles não falam as possíveis consequências, eles vão direto pro “queima seus neurônios, pode causar paralisia, causa coma.” [...]

Aluno 1: Eles fazem isso realmente pra gente ficar com medo, eles pegam as piores consequências e botam ali, pra ficar com medo e não ficam (os alunos) porque não acontece (o que eles falam).

(02 3 34 1 1)

Considerando a adolescência como uma fase em que os jovens se posicionam e quebram regras, grande parte dos alunos acreditam que uma abordagem proibitiva pode ser inadequada para o objetivo da prevenção.

Aluno 5: A professora ano passado falava “porque se você bebe, você vai ficar alegre e vai fazer isso, isso e isso, e depois vai fazer isso.” Daí chega seus pais e falam a mesma coisa, daí você fala “quero ver como é isso, como é que é (ficar) alegre”.

Aluno 2: Psicologia inversa, você fala pra pessoa não fazer e ela vai lá e faz.

(02 3 24 2 2)

Aluna 2: Eu acho que se, tipo, você proíbe a pessoa tem mais vontade de provar. Porque, ah, a pessoa é rebelde...



(02 3 21 1 1)

Por outro lado, muitos alunos acreditam que se o objetivo da prevenção é o de que eles não bebam, deve-se mostrar casos chocantes, de dependência e até de morte, para que o medo de que aconteça aquilo com eles seja o fator que previna o consumo.

Aluna 3: (Palestras/Conversas) Com gente que tá viciada.

Aluna 2: Pra eu não fazer alguma coisa, eu tenho que ficar com muito medo! Se eu visse alguém aqui, todo estragado (por causa de bebida), eu ia ficar com medo, entendeu?

(03 1 4152 1 1)

Eles apontam também que as atividades de prevenção por si só, às vezes, aguçam a curiosidade e a vontade de experimentar bebidas alcoólicas.

Aluna 3: Eu acho que os filmes, os livros e as aulas... tudo isso deixa a gente mais curioso também.

(02 3 22 1 1)

Aluna 4: É, igual em palestras, igual tipo essas coisas. As primeiras vezes que eu vi e tal, tipo, eu fiquei com curiosidade de saber. Tipo, meio que atiçou a minha curiosidade.

(02 3 33 1 1)

Em relação ao formato da intervenção, o mais referido como o que eles gostariam foram abordagens envolvendo principalmente conversas e discussões entre o adulto responsável por conduzir a atividade e um grupo pequeno de jovens, promovendo troca de experiências entre eles. Eles acreditam que o formato convencional de palestras e apenas exposição de informações é “chato” e não parece motivá-los para que se envolvam na atividade e prestem atenção. Também acreditam que grupos pequenos, tais como foram feitos nos GF's, são os mais adequados.

Aluno 1: (Deveriam fazer) Trabalhos e palestras diferentes, assim... [...] Tipo, não (deveriam fazer) palestras que a gente fica sentado, só... [...]

Aluno: ... Só escutando alguém explicar!

(03 2 22 2 2)

Aluna 5: Em grupos menores é mais fácil de tentar convencer algumas pessoas, se você pegar num grupo muito grande você vai falar pra várias pessoas mas algumas não vão prestar atenção, não vão participar. Mas se você pegar num grupo pequeno é mais provável que várias pessoas escutem... Pequeno como esse.

Aluna 3: Pequeno como esse. De nove pessoas, oito pessoas.

(02 3 21 1 1)

Além das conversas, parece que atividades práticas e diferentes ajudariam a chamar atenção e a envolvê-los mais.

Aluno 6: Trazendo alguma coisa diferente. A gente teve uma palestra de um cara que veio falar sobre cigarro e ele fez um esquema que ele mostrou de quanto uma pessoa fuma por ano, e ele trouxe um cigarro gigante pra mostrar. [...]

Aluno 6: Tem que ser diferente, tem que chamar a atenção da gente.

Aluno 6: Muita gente, por ter tantas palestras, nem presta atenção porque já sabe o que vai escutar. Então, é bom trazer uma coisa diferente que vai chamar a atenção do aluno.

(03 1 2124 2 2)

Os alunos acreditam que nos GF's apareceu a ideia de que a prevenção seja feita ao longo da idade escolar, de forma longitudinal, e o desejo de discutir o tema em mais encontros:

Aluna 2: Isso, tem que tipo, é bom fazer desde pequeno, pra gente começar a entender criar os ideais, que quando chegar aqui já tem os ideais feitos e não vai mudar, então se começou lá embaixo tá ainda formando, então é bom.... mas tinha que continuar.

(02 3 22 1 1)

Aluno 3: (Deveria) Ter um tempo de, tipo, meia hora.

Aluno 6: Meia hora é muito pouco, teria que ser mais.

Aluno 7: É, tipo, uma aula por semana. A cada duas semanas. Só pra gente discutir o assunto.

(02 3 23 2 2)

Muitos acreditam que a prevenção deveria ser um trabalho de conscientização sobre os possíveis riscos e danos. Assim, em relação aos temas a

serem tratados durante as atividades, os alunos sugeriram que a prevenção aborde informação sobre a substância e, principalmente, eles acreditam que mostrar a realidade sobre o efeito do uso pode ser efetivo em promover conscientização, pois eles teriam acesso às informações e, assim, poderiam levar em conta os possíveis prós e contras de beber, tomando decisões mais acertadas.

Aluno 4: Acho que nem é prevenção, porque você falar que é errado assim, não vai adiantar porque a teimosia da pessoa. Acho que o que mais entraria na cabeça de um adolescente é você debater, pegar uma rodinha e começar a questionar, e não começar a... dar sermão, falar isso é certo e isso é errado, mas começar abrir a mente da pessoa, pra ela começar a olhar os outros pontos, pra ela ligar os pontos por si próprio, porque cada um sabe de si. Eu acho que esse negócio de fazer prevenção essas coisas, é muito furado, não dá certo.

(03 1 3132 1 1)

Aluno 6: Eu acho que eles deviam, tipo, levantar os problemas que o álcool pode trazer e tentar mudar a ideia da pessoa sobre o álcool. [...]

Aluno 2: E dar exemplos.

(02 3 22 2 2)

Os adolescentes relatam a vontade de experimentar e usar álcool como algo que faz parte da adolescência e da sociabilização dessa fase. Também afirmam que gostariam de ser compreendidos pelos adultos em relação às suas motivações para beber, e que aqueles poderiam fazer o exercício de se colocarem no lugar dos jovens, inclusive porque já viveram essa fase. Defendem também que não deve haver julgamento quando eles relatam experiências de uso, pois isso parece diminuir a abertura para o diálogo e consequente eficácia da prevenção.

Aluno 2: É, e tem gente que começa mais nova, mas 15 anos é tipo a idade mais forte. Tipo, curiosidade, as pessoas começam ir pra social, começam a beber. Servia muito mais antes, as pessoas, "nossa não vou beber", tal, quando era pequenininho. Mas agora nessa idade, muita gente começa a beber e essas explicações parecem a mesma coisa e tipo não se importa muito (os jovens)...

(02 3 34 1 1)

Aluna 5: Eu acho que eles tem que tentar entender o nosso lado. Tipo, a gente tem os nossos problemas pessoais que as vezes levam a gente a beber...

(02 3 24 1 1)

Aluna 5: A gente não pode se explicar, a gente não pode falar nada, a gente não pode dar a nossa opinião, eles induzem a gente a pensar que é outra coisa, então é...

(02 3 32 1 1)

Aluna 2: Por exemplo, tipo, aqui no colégio, principalmente, as pessoas, tipo, quando faz palestra, além de anunciar as consequências, ela (fala) “não pode beber, não sei o que, não sei o que lá”... Aí sei lá, você vai falar com o psicólogo, ou algum professor ou, sei lá, qualquer pessoa que trabalha aqui e você fala “ah, então, teve uma festa e uma amiga minha bebeu, não sei o que”, a pessoa já te olha com... [...]

Aluna 2: Te julgam, entendeu?

(02 3 33 1 1)

Por último, eles gostariam que fosse falado o que fazer depois que bebe, ou seja, como reduzir os danos das bebidas alcoólicas depois de consumidas:

Aluna 3: Eles não falam, tipo, “se você fizer (beber), você tem que fazer isso, isso e isso”... sabe pra, tipo...

(02 3 24 1 1)

Aluna 2: Ah, tipo, saber beber, manter seu controle assim, não tipo, “não beber”...(falando que a escola não faz isso)

Aluna 4: Eu acho que eles deviam falar exatamente o que você devia fazer depois de beber.

Aluno 7: Eu acho que aqui na escola ajuda a ver o quanto você pode beber, que a gente não pode beber muito, aí a gente já sabe as consequências, pra depois, se a gente tiver um PT da vida, a gente num, num ficar, “nossa o que aconteceu?”, a gente já sabe..

(02 3 24 1 1)

Em relação à subcategoria (1.2) *Como a relação com os pais pode contribuir para prevenção*, os alunos consideram a relação com os pais importante na prevenção. Também acreditam que proibi-los de beber não é efetivo para evitar o consumo.

Aluna 3: Acho que precisa ir um pouco mais fundo (sobre a prevenção). Mas também

tem o fator externo que tá fora da escola... que é a família, que influencia muito. A escola pode ser perfeita mas se a família não ajudar, não muda nada.

(02 3 22 1 1)

Aluno 4: É que se a pessoa quer e você fica falando “ não pode, não pode, não pode”, uma hora vai tá todo mundo e ela vai fazer alguma coisa. Nem que ela não goste , vai fazer só, tipo, uma vez. Tem umas que nunca vai fazer, mas sabe... E eu também acho que também não vai ser o pai que vai impedir.

(02 3 21 2 1)

Alguns acreditam até que a proibição pelos pais pode ter efeito contrário ao esperado e estimular o consumo.

Aluna 2 : É, tipo, “ah é, filho, você não pode beber de jeito nenhum”. A pessoa vai ter uma vontade maior.

(02 3 21 1 1)

Aluna 1: O proibido acaba sendo o mais gostoso. Então, eu acho que você não tem que proibir, porque se você proibir a pessoa vai querer fazer aquilo justamente porque é proibido. Talvez, se você der uma liberdade, acho que essa pessoa talvez nem queira mais beber, né. Ah, se vocês explicam tudo a pessoa não vai ter tanto interesse... porque se é proibido ela quer saber o que acontece ali, tipo, “por que é proibido?” Sabe, eu acho que tem que conversar e impor as responsabilidades.

(03 1 4152 2 1)

A conscientização, em contraposição à proibição, também aparece como a forma mais adequada e efetiva para se fazer a prevenção ao consumo de álcool, sendo que a fala “não beba!” não é educativa, afinal os motivos pelos quais os adolescentes não deveriam beber não são discutidos e menos ainda os motivos que os fazem ter vontade de beber.

Aluno 3: Mas eu acho que, tipo, na hora de prevenir, o melhor jeito é fazer a pessoa refletir sobre a coisa e não assustar, fazer ela pensar “por que eu vou beber? Qual o motivo de eu beber um copo ou, sei lá, de eu fumar?” Fazer a pessoa refletir, sei lá se ela quiser beber aí ela bebe.

(02 3 21 2 1)

Aluno 7: É porque tem gente que fala tanto pra pessoa (para o jovem) “não bebe, não

bebe, não bebe”, que acaba não ensinando (o porquê de não beber), tipo... você fala pro seu filho: “não bebe!” e aí você acha que ele não vai beber mesmo, e aí você acaba não falando dos riscos que isso causa, porque você vai acreditar que ele não tá bebendo! [...]

Aluno 4: Porque quando você for beber, você vai lembrar “ah, não pode!”, mas (também vai pensar): “Ué, (tem) tantas coisas que não pode, e eu faço, porque que isso eu não vou fazer?”. Mas se você lembrar o que que (o álcool) causa, o que pode te causar, você vai refletir e vai falar “pera aí, talvez eu não faça!

(03 1 3132 3 2)

A ideia mais prevalente nas falas dos adolescentes foi o desejo de que os pais sejam mais abertos ao diálogo sobre o tema, disponíveis para que os jovens possam contar com eles caso tenham algum problema com o uso de álcool. Assim, eles acreditam que a postura intolerante dos pais em relação ao uso de álcool, pautada pelo medo de algum castigo, faz com que os adolescentes escondam o consumo e não contem com os pais para se aconselharem ou encontrarem apoio para lidar com situações difíceis, caso venham a ter algum problema relacionado a bebidas.

Aluno 2: Sim, eu acho que os pais deveriam conversar com os seus filhos, não diretamente sobre esse assunto, mas serem mais abertos, assim. Porque tem pessoas que falam com os pais sobre esses assuntos e os pais não sabem de nada que acontece na vida dos filhos e tem outros que eles contam tudo pro pai. Eles podem ter feito a maior bobagem, mas eles vão lá e vão contar porque eles estão arrependidos ou querem algum conselho. Esses são os pais que passam mais confiança. Eu acho que, tipo, todos deviam fazer isso.

Aluno 6: Eu acho que, tipo, assim a pessoa ela tenta, ela ainda fala com os pais mas ela tem medo que os pais... [...]

Aluno 1: Quer conversar sério e o pai vai lá e briga.

Aluno 5: Os pais, acho que deviam saber melhor lidar com isso, porque, por exemplo, se fosse uma festa, eu ficasse, sei lá, muito mal, se meus pais fossem tão bravos assim, eu não falaria nada. Sei lá, arrumaria, chegaria “ah deixa eu ir pra sua casa porque meus pais não podem saber disso”. Daí se seus pais soubessem eles podiam ajudar de alguma maneira...

(02 3 23 1 1)

E também é bastante prevalente a ideia de família como um núcleo de apoio importante e que deveria oferecer suporte incondicional:

Aluno 4:[...] porque tem certas situações que realmente você vai depender dos amigos porque são os verdadeiros [...]. Porque eu já me ferrei várias vezes por causa disso, porque a pessoa fala que vai te ajudar e você vê ela indo embora. Mas o apoio da família é fundamental. A família pode ser a mais radical possível mas no momento que você chega na sua casa sua família tem que saber lidar com a situação, ela tem que ser... a família tem que ser o seu conforto, você tem que ter a liberdade de se abrir com ela...

Aluno 3: Eu ia falar que a família, que os pais, a confiança dos pais... você sempre, tipo, depois de uma festa (deve) falar o que aconteceu, como foi lá... porque se acontecer alguma coisa séria eles podem ajudar, se alguém tiver que ir pro hospital não é tipo durante a festa o cara dá "PT", é sempre bom cê avisar "olha pai, vai ter bebida, se precisar de alguma coisa a gente te liga, tal!", pra eles sempre tarem a postos, porque de repente eles tão trabalhando e eles recebem um telefonema.

(02 3 33 2 2)

Falam também do desejo de que os pais busquem compreendê-los antes de conversar sobre o assunto:

Aluno 2: Eu acho que o melhor jeito também do pai falar é ele entender o filho primeiro, invés de só falar que é ruim, essas coisas. Ele entender o filho, porque utilizou álcool, essas coisas, e depois ele conversar essas coisas.[...]

Aluno 1: Eu acho que os pais não devem...[...] porque, na verdade todo, o adolescente, todo adolescente tem uma hora ou outra que (vão beber) ... e os pais não deveriam gritar, só dar as dicas de não beber tanto, de não fazer besteira assim, ser consciente e essas coisas.

(02 3 32 2 2)

Pra além do "diga não", vários alunos acreditam que beber é uma experiência que acontece na adolescência, independente da vontade dos pais ou da escola. Eles acreditam que os pais poderiam ensiná-los a beber e isso poderia reduzir os danos fora de casa:

Aluna 4: [...] É que eu acho que os pais que não querem que os filhos bebam, não tem mais jeito. Porque tipo, assim, a nossa idade tá todo mundo, tipo, muito afetado já, ta todo mundo bebendo. [...] Então, tem que ensinar o filho a beber moderadamente, mesmo que seja errado. [...]

Aluno3: O pediatra fala pra minha mãe deixar ele beber, tipo, pro meu irmão, porque se ela fala não, óbvio que ele vai fazer escondido. Então, ela fala “você pode fazer, mas faz com limite”. E daí, tipo, na hora que ele vai fazer ele pensa nisso...

(02 3 21 1 1)

Aluno 1: É, mas eu acho que a família também pode ajudar bastante, porque eles (os familiares) podem te ensinar a beber, assim, sabe? Tipo, (podem te ensinar a) beber “na boa”, (de um jeito) que não te prejudique muito! (a beber) De um jeito que não te prejudique muito, assim, então, mesmo se a pessoa gostar, tipo, (o familiar pode/deve) ensinar pra ela...

Aluno 4: (Nessa conversa, a família) Não (deve) colocar, tipo, como uma coisa errada (o beber), e sim, tipo, como uma coisa que você devia saber controlar.

(03 1 3132 3 2)

Porém, um aluno faz uma reflexão sobre os pais ensinarem a beber dentro de casa:

Aluno 7: (Mas) Esse negócio de experimentar (bebida desde cedo), eu acho que, às vezes, é meio... pode dar certo, ou poder dar muito errado, né. Porque se (você) dá (bebida para o jovem) desde (que ele é) pequeno, às vezes você pode acabar influenciando (ele a beber), ou a pessoa (jovem) vê que não gosta mesmo (de álcool) e aí leva aquilo pra vida!

(03 1 3132 3 2)

Alguns acreditam que beber em casa diminui a curiosidade também e, assim, diminui a vontade de beber fora de casa:

Aluno 5: Eu acho que você (referindo-se aos pais) tem que falar que não pode, mas acho que também você tem que falar que, sei lá, “um dia você vai ter que experimentar e é melhor você experimentar quando eu já tiver sabendo pra eu poder ajudar” e aí seu pai te ajuda.

Aluno 2: Ou, assim, uma técnica que é assim usada, é que o pai vai lá e, assim, ele deixa beber. Só que ele pede pra não beber muito, porque senão vai dar errado. [...]

Aluno 2 : Tira um pouco a curiosidade.

(02 3 24 2 2)



Os adolescentes também acreditam, pra além do discurso dos pais, que o exemplo dentro de casa (pais beberem ou não) influencia o consumo deles:

Aluna 1: Eu acho também que, tipo, quando você vê pessoas na sua casa bebendo, não precisa estar bêbado, mas frequentemente você pensa que você também pode. Acho que isso influencia um pouco...”

(02 3 22 1 1)

“Aluno 5: Os pais tem que dar exemplos. Por exemplo, tem um amigo do meu pai que ele bebe bastante. Automaticamente, a filha dele também bebe muito.[...]”

(02 3 23 1 1)

Também demonstram vontade de que os pais compartilhem suas próprias experiências, o que parece poder influenciar a tomada de decisão dos adolescentes:

Aluno 2: Eu acho importante também os pais compartilharem as experiências que eles viveram [...].

Aluno 1: Que na época deles era diferente que na nossa época.

Aluno 2: Na época dos meus pais tinha só que... sei lá, do meu pai eles (inaudível) muita droga, assim. Sair em festa rave (inaudível), essas coisas e já ofereceram cocaína pra ele, mas se a pessoa tem personalidade, ela não vai... não vai... como se diz.. Só porque a pessoa te chamou, chingou de bundão, de banana, você vai cheirar... (inaudível) você precisa de personalidade.

(02 3 34 2 2)

## **(2) Quais características pessoais e qual profissional deve conduzir um programa de prevenção na escola**

Essa categoria foi subdividida em (2.1) *Características pessoais* e (2.2) *Profissional*. Na subcategoria (2.1) *Características pessoais*, os alunos gostariam que a prevenção fosse feita por alguém que tivesse um diálogo aberto, que fosse verdadeiro, que soubesse escutar os adolescentes e não somente impusesse as informações e ideias. Eles acham importante também que a pessoa que conduza o programa trate os alunos de igual para igual, sem julgamentos.

Aluna 5: Na verdade, eu acho que o profissional que venha a conversar com a gente, (é

importante que) ele saiba conversar! (Ele) Não (deve) impor, não (deve) ficar só...(dando regra), sabe? (Devem fazer) Que nem vocês (referindo-se ao grupo do moderador), (vocês) estão tratando a gente de igual pra igual. Eu acho que se fosse assim, seria mais fácil!

(03 1 4152 1 1)

Aluna 2: O negócio não é de julgar. É, tipo, ela tem que tentar tipo fazer você entender que você tem que saber seu limite. Se você tiver bêbado, o que você tem que fazer, entendeu. Ela não tem que ficar te julgando, “ah você bebe”, “você bebe”, “você não pode beber”. Isso a gente sabe [..].

(02 3 24 1 1)

Além da forma de fazer a prevenção, os alunos acreditam que a relação entre eles e quem faz a intervenção é relevante. Dizem que é importante que seja uma pessoa que eles tenham afinidade, alguém que eles se identifiquem:

Aluna 1: E ele é bom pra conversar, bom pra entender. Eu gosto bastante dele (fazendo referência a um professor da escola que elas gostariam que fizesse a prevenção).

Aluna 3: Ele é muito legal, eu acho que ele podia, tipo, pelo menos no fim do semestre, às vezes, dar uma palestra maior pra todo mundo, porque todo mundo gosta dele.

Aluna 4: Assim, alguém que se identifique com o grupo...

(02 3 31 1 1)

Outra ideia que surgiu é que essa pessoa deve ser de gerações mais próximas a deles, alguém que conheça a realidade do uso entre os jovens:

Aluna 3: Eu acho que podiam tentar falar assim, é... sei lá... pegar alguém que não seja tão tipo... é que eu acho que assim, eu acho que as pessoas mais velhas, tipo não mais velhas tipo uns 70 anos, 60 anos... É diferente de uma pessoa de 30, porque a pessoa de 30 já pegou outra...Geração, assim... então, a geração dela já fez mais coisa que a de 60 não fez. Então, você pega um professor qualquer pra gente que vai dar aula e vai falar tipo “não façam isso, você vai ficar...” meu você tem 60 anos, não sabe de agora. E quando é uma pessoa mais nova, você fica mais tipo...

(02 3 24 1 1)

Aluna 3: É que agora os tempos mudaram. Tipo, não é igual a antes que agora pra beber, beber pra eles era tipo um copo.

(02 3 24 1 1)

Uma das adolescentes cita também o fato de uma professora ter filhos com idade próxima a deles e isso parece facilitar o diálogo porque ela entendia que o uso acontecia:

Aluna 2: A gente teve aula com uma professora...[...] E ela era muito boa, ela era muito legal... então, é...[...] ela tinha dois filhos que tavam no colegial e eles provavelmente bebiam... e ela conseguia fazer a gente entender que, tipo, não é que é uma coisa assim que você não pode fazer... é, tipo, só que tem que aprender.

(02 3 24 1 1)

Em relação à subcategoria *Profissional*, alguns adolescentes dizem que sentiriam-se mais à vontade com alguém que não tivesse relação com a escola, aparentemente porque tem medo de que os relatos pessoais revelados sejam repassados para outras instâncias da escola ou mesmo para os pais:

Aluna 2: É bom, é bom, porque, por exemplo, eu com um professor daqui não sei se eu conseguiria falar, tipo isso, tipo mostrar minha... não dá porque ele conhece minha família. Tipo, vocês não conhecem, não fazem ideia, não sabem meu sobrenome, não sabem nada... Então, é muito mais fácil você conseguir se abrir.

(02 3 24 1 1)

Aluno 1: Pessoa de fora sempre dá mais confiança do que o professor que você sabe que tá ligado à escola e aos pais.

(02 3 32 2 2)

Embora um aluno acredite que a prevenção poderia ser mais efetiva feita por um professor da própria escola:

Aluno 5: Eu acho que quando, tipo, o professor é aquele professor que é mais “de boa” assim, (aquele que) ele fala com os alunos, conversa mais aberto, é mais efetivo até do que alguma coisa de fora!

(02 3 31 2 2)

Quando questionados sobre qual o profissional deveria conduzir a prevenção, alguns alunos citam profissionais que tenham mais conhecimento técnico, como os

médicos:

Aluno 5: Um pessoal bem qualificado, um médico que ganha bem for lá e falar pra gente, acho que a gente entende melhor que um professor falando. Porque o professor não estudou medicina, não fez nada disso e a gente acha que não entende tanto.

Aluno 7: Acho que deveria ser com um especialista, sei lá.

Aluno 6: Acho que na escola ninguém. Teria que trazer alguém de fora. Só se alguém que, tipo, tivesse estudado isso, sei lá, professor de alguma matéria específica pra fazer isso. Não sei.

Aluno 3: Médicos, Principalmente.

(02 3 23 2 2)

Por outro lado, alguns adolescentes acham que seria importante pessoas com conhecimento prático de uso e que tenham tido problemas com o consumo de álcool:

Aluno 6: Pessoas que passaram por isso, eu acho que não seria qualquer pessoa que já bebeu. Alguém que tinha uma dependência forte e conseguiu superar. Aí fala pra gente o que que acontece.

(02 3 23 2 2)

## DISCUSSÃO

Foi investigado entre estudantes do Ensino Fundamental (9º anos) e do Ensino Médio (1º ao 3º anos) de duas escolas particulares da cidade de São Paulo, através da técnica qualitativa Grupo Focal (BARDIN, 1977), como esses gostariam que um programa de prevenção ao uso de álcool fosse conduzido na escola (subcategoria de análise 1.1), de que forma eles acreditam que a relação com os pais pode contribuir para a prevenção (subcategoria 1.2), qual profissional deve conduzir a prevenção na escola (subcategoria 2.1) e quais características pessoais este deve possuir (subcategoria 2.2). Os alunos dizem que a tônica proibitiva da prevenção na escola ou em conversas com os pais não é bem aceita por eles nem efetiva em prevenir seu consumo de álcool. Acreditam que o formato de prevenção na escola deve ser baseado no diálogo, troca de experiências com atividades práticas e interessantes, e deve ser conduzido em grupos pequenos de alunos e ao longo da vida escolar. Acreditam que, mais do que proibir, os programas de prevenção devem conscientizá-los sobre os efeitos do consumo da substância, os procedimentos quando estiverem alcoolizados, o compartilhamento de vivências, os possíveis riscos e danos, para que eles sejam capazes de tomar suas próprias decisões com autonomia. Os jovens demonstraram que gostariam de poder dialogar com os pais sobre o tema, sem haver brigas, podendo recorrer a eles em caso de algum problema devido ao uso de álcool. Referem profissionais com conhecimento técnico ou pessoas com histórico de uso problemático para conduzir os programas na escola. Gostariam que o profissional fosse de gerações mais próximas a deles, que eles tivessem afinidade, se identificassem e que fossem tratados sem julgamentos.

O grupo focal (GF) é uma técnica interessante para investigar as percepções dos estudantes na abordagem desse trabalho. O formato livre de conversa parece tê-los deixado à vontade para compartilhar suas opiniões ou mesmo pensar sobre o tema a partir da fala dos colegas. Os GF's terem acontecido em contexto escolar possivelmente favoreceu a alta adesão dos jovens em participar e possibilitou um grande número de grupos, de forma a permitir uma amostra ampla de estudantes de duas escolas particulares com diferentes perfis de mensalidades e quantidades de alunos, como já discutido por Gonçalves (2014).

Na categoria (1) *“Como os estudantes acreditam que a prevenção deve ser feita”*, os jovens dizem que a postura de proibição da escola ou dos pais não é eficaz

para fazê-los não beber. Portanto, segundo a maioria dos alunos, intervenções que tentam ensiná-los a dizer “não” para o consumo de bebidas não são efetivas, dado empírico que concorda com outros autores (CARLINI-COTRIM, 1992 e BUCHER, 1992 apud CANOLETTI & SOARES, 2005, p. 119). Possivelmente porque a adolescência é uma fase de emancipação, marcada pela reivindicação de independência da família e escola para a tomada de suas próprias decisões com autonomia (BITTENCOURT ET AL., 2015). Como eles mesmo referenciam, gostariam que os programas de prevenção abordassem aspectos mais realistas do beber e não apenas as consequências negativas extremas. Também gostariam que fosse abordado o que fazer depois que a pessoa bebe, como reduzir os danos do consumo que já foi feito. Nesse sentido, programas baseados em modelos de conhecimento científico e de redução de danos (CARLINI-COTRIM & PINSKY, 1989) são desejáveis, discutindo-se com os jovens as variáveis envolvidas com os efeitos - como estar em jejum ou alimentado, quantidade e frequência de ingestão de bebida - e como reduzir a exposição a riscos e possíveis danos após consumo de grandes quantidades de álcool - como ser supervisionado por um adulto, descansar e beber água.

Carlini-Cotrim & Pinsky (1989) alerta para a falta de credibilidade que a prevenção baseada no amedrontamento pode gerar: “[...] *uma razoável parcela dos jovens tem ou tiveram experiências com drogas e podem contrastar sua própria vivência com as informações unilaterais neste tipo de educação*”. Vinagre e colaboradores (2006) concordam com essa ideia dizendo que os jovens bebem e não tem muitos dos efeitos negativos que são abordados em programas preventivos, exatamente a ideia que alguns jovens expressaram no presente trabalho. Além disso, os adolescentes tem noção de muitos dos riscos que o uso de bebidas pode gerar e muitos deles são aprendidos pela própria experiência ao longo do uso (GONÇALVES, 2014). Mas, surpreendentemente, alguns alunos defendem a pedagogia do medo, consideram que só evitarão o que os assustar.

Na subcategoria (1.1) “*Como a prevenção deve ser feita na escola*”, um aspecto relevante a ser considerado é que os alunos relataram que os efeitos do álcool comentados nos programas de prevenção por si só despertam curiosidade, um dos motivos mais referidos para a experimentação de drogas (NETO ET AL., 2012). Sanchez e colaboradores (2010) verificaram entre jovens usuários e não usuários de drogas, que os não usuários tinham poucas informações sobre essas

substâncias, sendo aquelas mais vagas e de pouca utilidade, como por exemplo “droga faz mal”. Os autores sugerem que esse tipo de informação pouco esclarecedora pode acabar suscitando curiosidade e experimentação nos jovens. Esses achados permitem refletir sobre o papel da informação na prevenção: se por um lado informações corretas sobre drogas devem fazer parte de uma intervenção, por outro, elas por si só não garantem seu sucesso. CANOLETTI & SOARES (2005) destacam a importância da informação eficiente: “*A informação eficiente é aquela que possibilita uma análise em relação às opções possíveis, quais sejam: o uso racional e responsável de drogas ou os benefícios da abstinência*”, destacando o desserviço que uma abordagem amedrontadora pode fazer: “*A informação alarmista e repressiva ou a ‘pedagogia do terror’ mostra-se ineficiente e poderia até mesmo suscitar nos jovens o desejo de desafiar o mal e afrontar o que é proibido*” (BUCHER, 1992 e CARLINI-COTRIM, 1992 apud CANOLETTI & SOARES, 2005, p. 125)

Sobre o formato da intervenção, os alunos gostariam que a prevenção fosse feita através de conversas em uma relação horizontal, proporcionando o compartilhamento de experiências e dúvidas. Eles dizem que o modo convencional da prevenção, com palestras expositivas sem ou com pouca interação, é “chato” e não os motiva a prestar atenção, inclusive porque a o conteúdo é previsível (“álcool faz mal”, “não beba”). RUA e ABRAMOVAY (2001) de fato evidenciaram o formato predominante de palestras em projetos pilotos de prevenção em escolas públicas (RUA & ABRAMOVAY, 2001 apud CANOLETTI & SOARES, 2005, p. 127). Como alternativa, os alunos acreditam que metodologias mais práticas e interativas seriam mais interessantes. Referem que gostariam de ter periodicamente um tempo para discutir sobre a temática uso de bebidas, indicando que um programa de ordem mais longitudinal na vida escolar é desejável, ao invés de intervenções pontuais com poucos encontros em anos específicos. Também gostariam que essas intervenções fossem feitas em grupos pequenos, tal como foram os grupos focais. A interação em grupos pequenos pode permitir maior entrosamento, participação e fortalecimento de laços e afetos entre os estudantes, permitindo-os exemplificarem as situações reais de uso e refletirem sobre si e sobre as histórias alheias de forma mais aprofundada. Ademais, o estabelecimento do vínculo e a prática de discussões com os colegas adotados pelos adolescentes em contexto escolar, poderia favorecer a adoção da prática de buscar suporte em amigos, estimular a criticidade, autonomia e escolhas

conscientes na vida fora da escola, favorecendo mudanças de atitudes e comportamentos, como se pretende na educação preventiva. Fazer a prevenção em pequenos grupos exigiria mais recursos humanos e investimento financeiro, uma alternativa poderia ser organizar momentos de exposição de informações no grande grupo e posterior discussões em pequenos grupos, com um educador passando pelos grupos para facilitar as discussões.

Se por um lado a escola é um espaço de socialização privilegiado para se fazer educação preventiva, a família também faz parte da socialização primária e, na subcategoria (1.2) *“Como a relação com os pais pode contribuir para a prevenção”*, os próprios estudantes relatam que gostariam de ter mais abertura de diálogo com os pais. O trabalho de Gonçalves (2014) mostrou que os jovens tentam esconder dos pais quando usam bebidas alcoólicas e isso os faz arriscarem-se mais. No entanto, as opiniões apresentadas nesse trabalho indicam que esses mesmos estudantes acreditam que a família é um núcleo de apoio importante e eles desejam poder contar com ele caso tenham algum problema pelo uso de álcool. Galduróz e colaboradores (2009) identificaram associação entre uso pesado de álcool no mês anterior à pesquisa e mau relacionamento dos adolescentes estudantes com seus pais. Assim, a família parece ser um fator importante na prevenção ao uso de álcool e Gonçalves (2014) sugere que os modelos de prevenção sejam planejados com a inclusão desta, envolvendo desenvolvimento de habilidades e comunicação com os pais.

O desejo de diálogo sem julgamentos também surgiu tanto quando os alunos referiam-se à escola como aos pais [subcategorias (1.1) e (1.2)]. Eles acreditam que o compartilhamento de experiências é importante entre os jovens e mostraram interesse de saber sobre as vivências com drogas dos pais. Na escola, desejam que haja acolhimento dos relatos sem julgamentos e repreensões. Parece que isso paralisaria a conversa no enfrentamento em relação ao ato indesejado/proibido de beber e não permitiria o desenvolvimento das razões pelas quais os jovens fazem isso, dos riscos envolvidos, possíveis remediações de algo que já aconteceu e do desenvolvimento de escolhas mais conscientes. Na família, vários alunos disseram que, muitas vezes, só querem ter uma conversa “tranquila” e contar o que aconteceu em uma festa, mas os pais respondem brigando. Esse tipo de abordagem parece colocá-los na defensiva de ter que justificar seus atos e não contribui para a reflexão das possíveis consequências negativas do beber ou de como evitar algumas delas



em uma próxima vez. O medo de que os pais briguem, repreendam e os castiguem aparece como justificativa para esconder o ato de beber, inclusive quando se encontram em condições desfavoráveis e desprotegidas, como ilustrado por uma aluna que disse que se tivesse um “PT” (perda total, termo utilizado por eles quando o álcool faz “passar mal”, vomitar, desmaiar e/ou entrar em coma alcoólico) daria um jeito de dormir na casa de uma amiga e esconder dos pais.

Alguns autores acreditam que a família tem importante papel relacionado a condições envolvidas com o consumo de drogas, podendo ela funcionar como um fator de proteção ou de risco (SCHENKER & MINAYO, 2005). Segundo o modelo de estilos parentais de Baumrind (BAUMRIND, 1966 apud DOMINGUES, 2011, p.15), o tipo de relação que os pais utilizam para criar seus filhos pode ser analisado em duas dimensões: *exigência* e *responsividade*. Exigência refere-se às condutas que visam o controle, supervisão e monitoramento dos filhos, através de regras, limites e padrão de comportamentos. Já a responsividade diz respeito ao apoio emocional, apego, reciprocidade e comunicação clara entre pais e filhos, que tem como objetivo a individualização e busca de autonomia dos filhos mediante apoio e aprovação. Assim, foram pensados 4 modelos parentais pela combinação de escores das duas dimensões citadas acima: *autoritativo*, pais com alta exigência e responsividade; *negligente*, pais com baixa exigência e responsividade; *autoritário*, pais com alta exigência e baixa responsividade e *indulgente*, quando há baixa exigência e alta responsividade (MACOBBY & MARTIN, 1983 apud DOMINGUES, 2011, p.15). DOMINGUES (2011) demonstrou a relação entre modelos parentais predizendo o uso de drogas dos filhos em escolas públicas e particulares (média de 15 anos). Maior frequência de adolescentes que já tiveram experiências com uso de drogas foi encontrada naqueles com pais de estilo parental *negligente*, enquanto que a menor frequência dos que já fizeram uso de drogas foi encontrada no modelo parental *autoritativo*. Esses dados nos fazem pensar que o apoio emocional e a habilidade de comunicação clara na relação pais e filhos podem ser fatores de proteção para o uso de álcool, dando suporte ao desejo dos adolescentes de que assim seja.

Ainda na subcategoria (1), como alternativa aos discursos de amedrontamento e do “diga não” ao álcool, os alunos sugerem que uma ação preventiva daria mais certo se eles fossem “convencidos” a não beber ou a beber de forma menos arriscada, tendo como base o conhecimento sobre álcool. Ou seja, eles acreditam que a prevenção deve ser feita através da conscientização – termo

este que os próprios alunos utilizaram. Eles acreditam que seja importante conhecer os efeitos do álcool e as possíveis consequências negativas para que, quando forem confrontados com a oportunidade de consumo em situações reais, possam avaliar as possibilidades (consumo ou abstinência, quantidade e condições de consumo) e tomar decisões de forma responsável. Dessa forma, ações que apostem na participação e envolvimento dos jovens tem maior probabilidade de sucesso, contribuindo com situações e problemas reais de suas próprias experiências e soluções concretas (MORAES, 2003 apud CANOLETTI & SOARES, 2005, p. 126), tal como discute Canoletti & Soares (2005):

*A participação dos jovens na elaboração e desenvolvimento das ações de prevenção pode tornar os programas mais atraentes, diminuindo o risco de sua inoperância. A participação dos jovens reflete-se na responsabilidade destes perante as ações que desenvolvem, bem como perante seus pares, conferindo um tom realista à prevenção.*

(CANOLETTI & SOARES, 2005, P. 119)

Além disso, ao sentir-se envolvido na discussão, é provável que o jovem esteja sensibilizado para refletir e mais motivado a participar da ação, condições estas favoráveis para o desenvolvimento da criticidade e maior capacidade de tomar decisões responsáveis em situações não supervisionadas pelos adultos. Dessa forma, a educação preventiva com foco na conscientização tal como descrita aqui, contribui para a formação de jovens com maior autonomia e capacidade reflexivo-crítica. Para tanto, é fundamental que haja cuidado no acolhimento durante os relatos dos alunos, sem juízo de valor, como previamente discutido. Nesse sentido, Riberio Júnior e colaboradores (2016, p. 35) acrescentam que “*a educação que possibilite aos alunos aumento na criticidade, na autonomia e na capacidade de escolher é em si preventiva*”.

Sobre a subcategoria (2.1) “*Características pessoais*”, os alunos gostariam que fosse alguém mais jovem, de gerações mais próximas a deles, com quem eles se identificassem e tivessem afinidade. Também que essa pessoa tivesse uma postura de não julgá-los e que estabelecesse uma relação horizontal, atributos estes que já foram discutidos anteriormente. O fato de que eles gostariam de ter alguém de gerações mais próximas parece ter relação com a identificação. Um aluno mostrou descrença na possibilidade de um professor de 60 anos desenvolver o tema, já que na época dele o padrão de consumo, os tipos de substâncias utilizados

e os contextos de uso eram diferentes. Assim, parece que as idades muito distantes seriam um fator de impedimento para o estabelecimento de confiança e sucesso da prevenção. Por último, o desejo da forma de relação durante a prevenção aparece: sem julgamentos e horizontal, evidenciando a necessidade de acolhimento e não preconceito em uma prática pedagógica com mais chances de sucesso.

Quanto à subcategoria (2.2) “*Profissional*”, é citada duas “classes” de pessoas: profissional com conhecimento técnico, e indicado médicos para isso, e pessoa com conhecimento prático, referindo-se a usuários pesados e dependentes que tenham superado o uso problemático. Em diferentes GF’s, eles explicitaram que não gostariam que fosse alguém da escola, argumentando que não sentiriam-se confortáveis em fazer relatos pessoais porque teriam receio de que as informações fossem repassadas para outras instâncias da escola ou mesmo para os pais. Uma aluna contou um caso de informações confidenciais serem divulgadas na escola em formato de fofoca. Ou seja, parece que o problema central de ser alguém da escola é o medo do desrespeito à confidencialidade das informações. Inclusive, o fato de quererem alguém de fora da escola parece ser um contrassenso com o desejo de terem afinidade com ela, já que a relação teria início a partir do trabalho de prevenção ao consumo de álcool e à redução de danos. Parece que seria mais fácil os alunos terem afinidade com alguém da escola, que já tivesse uma relação estabelecida com eles, do que com alguém totalmente novo. Isso somado a sua formação em educação de jovens, a vivência permanente na escola pode auxiliar no desenvolvimento da prevenção longitudinal e no baixo custo que poderia representar para os setores públicos, professores são amplamente referidos em estudos como um dos profissionais mais adequados para conduzir uma ação de prevenção. Moreira (2015, p.129) defende que os professores podem “*contribuir enormemente para o desenvolvimento de processos formativos em educação e saúde, potencializando a qualidade das ações de prevenção/promoção de saúde oferecidas aos estudantes no ambiente escolar*”. Entretanto, cabe o desafio de se pensar formas alternativas de criar uma relação de confiança entre esse professor e os alunos, garantindo a confidencialidade das informações sem que aquele, no entanto, seja negligente em relação a casos de abuso de substâncias que devem ser reportados pela escola aos adultos responsáveis.

Os achados empíricos do presente trabalho são importantes para o planejamento de ações preventivas com maior adesão entre os jovens dessa idade.

Entretanto, sabe-se que o perfil socioeconômico de estudantes de escolas particulares e públicas são diferentes, podendo isso ter influenciado a percepção dos estudantes desse trabalho. Dessa forma, seria interessante ampliar o estudo para escolas públicas e verificar se os resultados desse trabalho se assemelham a outros perfis de estudantes.

## CONCLUSÕES

Os resultados do presente trabalho fornecem subsídios para a formulação de ações preventivas em contexto escolar, baseadas na percepção de adolescentes estudantes. Os resultados apontam para a maior aceitação de intervenções escolares em formato de conversas e discussões, marcadas pela horizontalidade e acolhimento de relatos sem julgamento. O fornecimento de informações sobre o álcool que contemplem o fenômeno do uso de bebidas como um todo é recomendável, fornecendo-se subsídios para a reflexão, criticidade, autonomia, autocuidado e capacidade de escolhas conscientes do uso de bebidas. É desejável que a prevenção seja feita de forma continuada ao longo dos anos escolares, acompanhando as mudanças da própria adolescência e de cada sujeito, que são influenciadas por aspectos biopsicossociais em transformação. A relação com a família mostra-se potente como fator de proteção, dessa forma sugere-se que os pais sejam incluídos na educação preventiva. Apesar de os alunos relatarem se sentir mais à vontade para conversar com pessoas externas à escola, isso parece ser devido ao medo de que as informações sejam repassadas para autoridades da escola ou pais. Por outro lado, os professores parecem ser os profissionais mais habilitados para conduzir uma prevenção educativa de forma longitudinal na escola. Nesse sentido é preciso pensar em formas de garantir confidencialidade dos relatos dos adolescentes, sem que isso caracterize negligência por parte da escola. Dessa forma, a partir deste estudo sugere-se investimento na formação de professores ou outros agentes escolares para condução da prevenção, facilitando o vínculo entre os envolvidos, capacitando a escola para lidar com o fenômeno de uso de substâncias, como o álcool, garantindo maior autonomia para essa instituição e reduzindo os custos de uma educação preventiva.

Sendo assim, os dados apontam como modelo de prevenção mais adequado para aceitação/adesão dos estudantes e maior efetividade, o modelo baseado em Redução de Danos. Este sendo realizado com integração da escola, estudantes e família, que tenha como objetivos reduzir os riscos e danos do consumo de álcool e estimular o desenvolvimento de habilidades emocionais e sociais, dando suporte para formação de cidadãos com autonomia, escolhas mais responsáveis e desenvolvimento de práticas mais saudáveis ou menos prejudiciais.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 1977.

BITTENCOURT, L P et al. Adolescência vulnerável: fatores biopsicossociais relacionados ao uso de drogas. Revista Bioética. v. 23, n. 2, p. 311- 319, 2015.

BONOMO, Y et al. Adverse outcomes of alcohol use in adolescents. Addiction, v. 96, n. 10, p. 1485-96, 2001. Disponível em: <[http://www.ncbi.nlm.nih.gov/entrez/query.fcgi?cmd=Retrieve&db=PubMed&dopt=Citation&list\\_uids=11571067](http://www.ncbi.nlm.nih.gov/entrez/query.fcgi?cmd=Retrieve&db=PubMed&dopt=Citation&list_uids=11571067)>. Acesso em: 12/12/2017

BRASIL. Artigo 208, Inciso I. Consituição Federal, 1988.

CANOLETTI, B; SOARES, C B. Programas de prevenção ao consumo de drogas no Brasil: uma análise da produção científica de 1991 a 2001. Interface-Comunic., Saúde, Educ., v. 9, n. 16, p. 15-129, 2005..

CARLINI-COTRIM, B. Drogas na escola: prevenção, tolerância e pluralidade. In: AQUINO, J. G. (Org.). Drogas na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998. P. 19-30.

CARLINI-COTRIM, B. Potencialidades da técnica qualitativa grupo focal em investigações sobre abuso de substâncias. Revista de Saúde Pública, v. 30, n. 3, p. 285-293, 1996.

CARLINI, E. et al. VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes de Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras-2010. CEBRID-Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP-Universidade Federal de São

Paulo, 2010.

CHUNG, T. et al. Screening adolescents for problem drinking: performance of brief screens against DSM-IV alcohol diagnoses. *Journal of Studies on Alcohol and Drugs*, v. 61, n. 4, p. 579, 2000.

CUIJPERS, P. 2002. Effective ingredients of school-based drug prevention programs A systematic review. *Addictive Behaviors*, v. 27, p. 1009–1023, 2002.

DOMINGUES, A E. Uso de drogas e estilos parentais percebidos na adolescência. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 49. 2011.

FARRINGDON, F; MCBRIDE, N; MIDFORD, R. The fine line: students' perceptions of drinking, having fun and losing control.[School Health and Alcohol Harm Reduction Project 2000 (SHAHRP 2000)]. *Youth Studies Australia*, v. 19, n. 3, p. 32-38, 2000.

GLADWIN, T E; FIGNER, B; CRONE, E A; WIERS, R W. Addiction, adolescence, and the integration of control and motivation. *Developmental Cognitive Neuroscience*, v.1, p 364-376, 2011.

GALDURÓZ, J C F et al. Fatores associados ao uso pesado de álcool entre estudantes das capitais brasileiras. *Rev Saúde Pública*,v. 44, n. 2, p. 267-73, 2010.

GONÇALVES, L P. Percepção de riscos e estratégias de redução danos do uso de álcool por adolescentes: subsídios para intervenções além do “diga não”. Monografia de Conclusão de Curso. Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, p. 29, 2014.

INTERNATIONAL HARM REDUCTION ASSOCIATION - IHRA, 2017. Disponível em:

< <https://www.hri.global/what-is-harm-reduction> > Acesso em: 16/12/2017.

HIBELL, B. et al. The 2007 ESPAD report. Substance use among students in, v. 35, 2009.

JOHNSTON, L D et al. Monitoring the Future: National Survey Results on Drug Use, 1975-2009. Volume I: Secondary School Students. NIH Publication, N. 10-7584. National Institute on Drug Abuse (NIDA), 2010.

MCBRIDE, N. The Evidence Base for School Drug Education Interventions. In: STOKWELL et al (Ed.). Preventing harmful substance use: The evidence base for policy and practice, 2005, p. 129-147.

MCBRIDE, N et al. Harm minimization in school drug education: final results of the School Health and Alcohol Harm Reduction Project (SHAHRP). *Addiction*, v. 99, n. 3, p. 278-291, 2004.

MOREIRA, A; VÓVIO, C L; DE MICHELI, D. Prevenção ao consumo abusivo de drogas na escola: desafios e possibilidades para a atuação do educador. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 119-135, 2015.

NETO, C et al. Consumo de substâncias ilícitas por adolescentes portugueses. *Rev. Saúde Pública*, v. 46, n. 5, p. 808-15, 2012.

NOTO, A. R. et al. I Levantamento sobre o Consumo de Substâncias Psicoativas entre Estudantes de Ensino Fundamental (8º e 9º anos) e Médio (1º a 3º ano) representativo da Rede Particular de Ensino do Município de São Paulo. Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, 2010.

RIBEIRO JUNIOR, W A R et al. Prevenção ao uso de drogas no ambiente escolar



através do processo de sensibilização e conscientização. *Carpe Diem: Revista Cultural e Científica do UNIFACEX*. v. 14, n. 1, 2016.

SANCHEZ, et al. O papel da informação como medida preventiva ao uso de drogas entre jovens em situação de risco. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 15, n. 3, p. 699-708, 2010.

SCHENKER, M.; MINAYO, M. D. S. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 10, n. 3, p. 707-17, 2005.

SOARES, C B et al. Juventude e consumo de drogas: oficinas de instrumentalização de trabalhadores de instituições sociais, na perspectiva da saúde coletiva. *Comunicação Saúde Educação*, v.13, n.28, p.189-99, 2009.

STEWART, D W; SHAMDASANI, P N; ROOK, D. *Focus groups theory and practice*. 2. Thousand Oaks, CA: Sage, 2007.

VINAGRE, M D G; LIMA, M L. Consumo de álcool, tabaco e droga em adolescentes: experiências e julgamentos de risco. *Psicologia, Saúde & Doenças*, v. 7, n. 1, p. 73-81, 2006.

ZANELATTO, R; ZANELATTO N A. *Prevenção do Uso de Drogas na Escola – Modelos de Intervenção – XVI Congresso da ABEAD – Associação Brasileira de Estudos de Álcool e outras Drogas, 2004. Disponível em < <http://www.uniad.org.br/v2/master/imgAlbum/Prevencao%20do%20Uso%20de%20Drogas%20na%20Escola%20-%20Modelos%20de%20Intervencao.pdf> > Acesso em 12/12/2017.*

WHO – World Health Organization (2011a). Preventing leading causes of premature

death, disease and disability. Disponível em <  
[http://www.who.int/school\\_youth\\_health/en/](http://www.who.int/school_youth_health/en/) > Acesso em 16/12/2017.